

Velhice negada

Em um de seus trabalhos dedicado à compreensão da felicidade, o filósofo alemão Arthur Shopenhauer dedica uma passagem à análise das diferenças entre as idades da vida. Para ele, a grande diferença entre o jovem e o velho é que o primeiro vê a vida como um futuro infinitamente longo, ao passo que, na velhice, ela se torna um passado relativamente curto. Isso ocorre porque, quando nos aproximamos do final da vida, tendemos a mirá-la como uma lembrança e não como um campo aberto à exploração. O filósofo acreditava que a experiência faria do homem alguém mais consciente sobre a simplicidade da vida, tomando-a pelo que ela realmente é, sem devaneios sobre sua finalidade ou sobre seu sentido.

Shopenhauer parece enaltecer a maturidade, apesar de ser cru na análise que faz de sua condição: na velhice, o ímpeto juvenil é refreado, seja pelo progressivo apagamento da força vital e decadência biológica, seja pela serenidade implacável que recai sobre quem enfim se livra da ilusão de que o bom da vida ainda está por vir. Ele não acha que a velhice seja época triste, mas antes o contrário: é o momento em que nos libertamos do império da necessidade, que, para o filósofo, é a mola oculta por trás da maioria de nossos tormentos. Com a razão finalmente liberta, a velhice seria o momento da

reflexão, da contemplação e da degustação da vida vivida.

Alguns séculos após os escritos de Shopenhauer, talvez nos cause espanto ou nos seja estranho esse seu aparente elogio à velhice. O sentido de *experiência*, por muito tempo associado aos mais velhos, segue hoje parcialmente desconectado do tempo: refere-se antes à intensidade do uso do tempo do que simplesmente à sua passagem e acúmulo. A sabedoria de vida não se conta mais em anos, nem tampouco a autoridade se conquista com a idade. Autoridade é concedida pelas instituições, mas estas já não se baseiam na senioridade como critério meritocrático, e sim no da *performance* – que deve ser cultuada, quer se seja um jovem ou um idoso.

Por fim, assistimos a uma clara disseminação social generalizada da juventude: o conceito de velho se aplica não apenas ao indivíduo de fato vivido, mas também a qualquer idéia desatualizada; ser velho, portanto, é um adjetivo e não um estado. Assim, em vez de degustar a vida vivida, o velho tenta mostrar a todos que ainda tem “o espírito de um jovem”. Ter o espírito de jovem é a nova mitologia contemporânea. Refere-se a uma negação profunda, versão atual da cisão entre corpo e mente. Uma boa evidência disso não seria a demanda crescente por cirurgias plásticas e pelos cursos de “reciclagem” e “atualização”?



Pedro F. Bendassolli
FGV-EAESP